

# O ENSINO E A CULTURA LITERÁRIA NAS ESCOLAS DO ENSINO MÉDIO EM RORAIMA/BRASIL

SPOTTI, Carmem Véra Nunes<sup>1</sup>  
FELDMANN, Marina Graziela<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo tem como objetivo verificar como o ensino da Literatura e a cultura literária se materializa no currículo escolar das escolas estaduais do Ensino Médio em Roraima/Brasil. Este trabalho é parte da tese de Doutorado em Educação: Currículo, intitulado *A Formação Continuada dos Professores de Literatura Regionalista e o Currículo do Ensino Médio em Roraima/Brasil*, defendido em 2017 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. O lócus da pesquisa foram oito escolas estaduais de Ensino Médio regular nas sedes dos municípios de Boa Vista, Bonfim, Caracará, Pacaraima e Rorainópolis e teve como sujeitos vinte professores formados em Letras e que lecionam no terceiro ano do Ensino Médio. Para operacionalização a pesquisa teve como proposta metodológica a abordagem qualitativa em um estudo de caso múltiplo. A pesquisa assentou-se nos princípios de que as discussões sobre o ensino e a cultura literária desenvolvida nas escolas perpassam pela formação da cidadania dos seus sujeitos e pelo compartilhamento dos saberes, valores e a articulação entre teoria e prática em contextos formativos em mudança.

**Palavras-chave:** Literatura.Cultura Escolar.Ensino Médio.

**Abstract:** The article aims to verify how the teaching of Literature and literary culture materializes in the school curriculum of the high school state schools in Roraima / Brazil. This work is part of the doctoral thesis in Education: Curriculum, entitled *The Continuing Education of Teachers of Regionalist Literature and the Curriculum of Secondary Education in*

<sup>1</sup> Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> da Universidade Estadual de Roraima- UERR e do Centro de Formação dos Profissionais da Educação de Roraima – CEFORR/SEEDRR. [carmemspotti@bol.com.br](mailto:carmemspotti@bol.com.br)

<sup>2</sup> Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUCSP e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação. [Feldmann@uol.com.br](mailto:Feldmann@uol.com.br)

Roraima / Brazil, defended in 2017 at the Pontifical Catholic University of São Paulo. The locus of the research was eight regular high school state schools in the municipalities of Boa Vista, Bonfim, Caracaraí, Pacaraima and Rorainópolis and had as subjects twenty teachers trained in Letters and who teach in the third year of High School. For operationalization the research had as methodological proposal the qualitative approach in a multiple case study. The research was based on the principles that the discussions about teaching and the literary culture developed in the schools go through the formation of the citizenship of its subjects and the sharing of knowledge, values and the articulation between theory and practice in changing formative contexts.

**Keywords:** Literature. School Culture. High School.

## Introdução

As reflexões deste artigo objetivam o estudo sobre a cultura escolar e a prática pedagógica no ensino da literatura nas escolas estaduais de Ensino Médio em Roraima/Brasil. É uma análise que faz parte da tese de doutorado em Educação: Currículo, defendida em 2017, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, intitulada “A Formação Continuada dos Professores de Literatura Regionalista e o Currículo do Ensino Médio em Roraima/Brasil”. Neste sentido, estudar o ensino da literatura e da cultura escolar em Roraima parte de uma análise sobre sua formação histórica e geográfica do estado que é multicultural.

Assim, ao tratar da área de literatura, estudos diversos advogam uma teoria sobre os gêneros literários, pois esses gêneros são apropriados para a captação de valores, aspectos culturais e promoção da identidade de um povo. Em outras palavras, contempla-se a diversidade e a riqueza cultural permeando o campo literário, uma vez que os escritores representam o mundo onde vive em consonância com a época, razão pela quais muitos deles expressam seus olhares e críticas sobre sua

realidade. Nessa perspectiva, a arte literária reflete valores, ajuíza cultura e pensa a realidade de um determinado período, todos marcados por uma constante evolução. Ademais, as obras literárias expressam conhecimentos sobre a linguagem e isso implica perceber a existência de traços comuns que determinam a formação e a distinção dos subconjuntos de obras literárias.

No enquadre de estudos sobre a literatura e os períodos literários, encontra-se o regionalismo cujo foco está em determinada região do país de forma a retratá-la e por isso traduz, intencionalmente ou não, peculiaridades locais ao expressar traços do momento histórico, cultural e da realidade social. É nesse recorte que está ancorada a temática da discussão deste artigo que tem como objetivo verificar como o ensino da literatura e a cultura literária se materializa no currículo escolar das escolas estaduais do Ensino Médio em Roraima/Brasil.

O lócus da pesquisa foram oito escolas estaduais de Ensino Médio regular nas sedes dos municípios de Boa Vista, Bonfim, Caracaraí, Pacaraima e Rorainópolis e teve como sujeitos vinte professores formados em letras e que lecionam no terceiro ano do ensino médio. Para operacionalização a pesquisa teve como proposta metodológica a abordagem qualitativa em um estudo de caso múltiplo. O trabalho assentou-se nos princípios de que as discussões sobre o ensino e a cultura literária desenvolvida nas escolas perpassam pela formação da cidadania dos seus sujeitos e pelo compartilhamento dos saberes, valores e a articulação entre teoria e prática em contextos formativos em mudança.

Desta forma, organizou-se este trabalho com as seguintes partes: a primeira parte trata sobre o Estado de Roraima e suas particularidades culturais, a segunda sobre a literatura e a cultura escolar, a terceira trata sobre a literatura e a cultura escolar em Roraima e finalizou-se com a análise sobre a cultura escolar e a prática pedagógica no ensino da

## 1. O Estado de Roraima e suas particularidades culturais

Roraima, estado localizado na Região Norte da República Federativa do Brasil, situado a Oeste do meridiano de *Greenwich* é cortado pela linha do Equador, sendo o estado mais setentrional da Federação. O Estado limita-se ao Norte e Nordeste com a República Bolivariana da Venezuela, a Leste com a República Cooperativista da Guiana (antiga Guiana Inglesa), a Sudoeste com o Estado do Pará e, ao Sul e Oeste, com o Estado do Amazonas. É o único estado da Federação com tríplice fronteira – Brasil/Venezuela/Guiana, que forma a única fronteira trilingue do Brasil. Junto ao português, ao espanhol e ao inglês, as línguas indígenas lutam pela sua existência e pela ampliação do número de seus falantes. O Estado<sup>3</sup> ocupa uma área 224.298,980 km<sup>2</sup>. Sua população, em 2018, está estimada em 576.568 habitantes, com IDH de 2010 em 0.707 (IBGE, 2018). Em Roraima, encontra-se o Monte Caburáí, atualmente reconhecido como o ponto mais setentrional do país.

Até a década de 1940, o município de Boa Vista do Rio Branco fazia parte do Estado do Amazonas, depois passou a Território Federal do Rio Branco. Com a criação do Território Federal do Rio Branco em 1943, posteriormente denominado de Roraima (1962), houve a integração da Amazônia ao contexto nacional sob a bandeira do crescimento nacional. Nessa época, a economia da região centrava-se na criação de rebanhos bovinos e extração de pedras preciosas, como o diamante. Por isso, pessoas das mais variadas partes do país migravam para lá. Além disso, muitos projetos de assentamento foram implantados como estratégia de desenvolvimento e muitos foram incentivados a povoarem a região,

<sup>3</sup> Disponível em < <http://geotfp.ibge.gov.br> > Acesso em outubro/2015.

principalmente os nordestinos.

Consequentemente, a migração motivada pelo garimpo provocou diversos conflitos com os indígenas, além da miscigenação. Como o Estado faz fronteira com a República Bolivariana da Venezuela e República Cooperativista da Guiana e recebe grande influência na cultura dos migrantes, dos indígenas e dos caribenhos, essa pluralidade cultural de pessoas oriundas dos países vizinhos e das diferentes regiões brasileiras fez de Roraima, diz Oliveira, um [...] ambiente peculiar, com

[...] todas as culturas convenientes, fato que dificulta a definição de um perfil cultural da região e torna complexa a tarefa de compreender o que seja uma “identidade roraimense” que “confundem tais condições com a inexistência de uma cultura ou de uma identidade própria (OLIVEIRA et alii, 2009, p 4).

Quando da criação do território, em 1943, havia apenas as cidades de Boa Vista (capital) e Catrimani (hoje Caracará). A preocupação era que os moradores do município de Boa Vista se sentissem brasileiros. Nesse sentido, as ações estavam restritas às celebrações religiosas, educacionais e cívicas que culminavam em desfiles e encenações nos dias 7 e 13 de Setembro. O governo da época, de acordo com Souza (2012), preocupava-se com a falta de uma memória oficial local, de forma a

realçar a memória dos heróis, dos grandes acontecimentos do passado, bem como da unidade nacional e da participação de Roraima na formação e na construção para com o resto do Brasil, tanto como região como povo. Sempre o discurso versava sobre a nobreza cívica e o futuro esplendoroso que aguardava a todos os roraimenses (SOUZA, 2012, p. 30).

Tudo para que se criasse uma identidade nacional e desse origem a um sentimento de brasilidade e, neste caso, a cultura indígena não era

considerada, passado este construído com base na memória nacional e não local, Roraima tornou-se estado da Federação pela Constituição de 1988.

Vale salientar que todo o Estado é considerado fronteira linguística por ocasião da incidência das línguas indígenas pertencentes às etnias Yanomami (Yanomami, Sanumá, Ninam, Yanomae), dos Karib (Ye'kwana, Ingarikó, Katuenayama, Makuxi, Patamona, Saporá, Taurepang, WaiWai, Waimiri Atroari) e do Aruak (Wapichana)<sup>4</sup>. Estas etnias indígenas estão distribuídas em comunidades localizadas em trinta e duas terras indígenas demarcadas por todo o Estado. Muitas são comunidades mistas com a presença de mais de uma etnia e de não índios convivendo harmonicamente. Por questões culturais ocorre, nessas comunidades, um deslocamento entre famílias por causa do parentesco. Exemplo é uma família que reside na fronteira com a República Bolivariana da Venezuela encontrar-se em algum período do ano em outra comunidade no Sul do Estado ou na capital. O ir e vir destes povos não passa, necessariamente, pelos postos de fronteiras demarcadas oficialmente.

Há comunidades residentes na capital, denominados de “índios urbanos”, mas que mantêm aspectos culturais de sua(s) etnia(s). O Estado está situado na região periférica da Amazônia Legal, conforme Mapa 1, mais precisamente no Noroeste da Região Norte do Brasil, com predominância da floresta amazônica, mas contendo ainda uma enorme faixa de savana no centro-leste. Para Souza (2009, p. 318-319) “[...] a paisagem de Roraima é bem distinta, com montanhas elevadas pertencentes ao sistema do Parima e savanas extensas”.

---

<sup>4</sup> Disponível em < <http://pib.socioambiental.org/pt/c/quadro-geral> > Acesso em maio/2016.



Fonte: [www.gov.rr.br](http://www.gov.rr.br), 2011.

### **Mapa 1. Mapa Político dos Estados Brasileiros**

Roraima possui quinze municípios sendo eles, por ordem alfabética: Alto Alegre, Amajari, Boa Vista (capital), Bonfim, Cantá, Caracaraí, Caroebe, Iracema, Mucajaí, Normandia, Pacaraima, Rorainópolis, São João da Baliza, São Luiz do Anauá e Uiramutã. Apenas os municípios de Boa Vista, Cantá, Mucajaí e São Luís não fazem fronteira com outros estados da federação e/ou repúblicas federativas. Há várias rotas de entrada e saída do estado e do país, usualmente utilizadas pelas comunidades indígenas. Oficialmente, são quatro as rotas de entrada e de saída do Estado e estão localizadas nos municípios de Bonfim, Caracaraí, Pacaraima e Rorainópolis. O mapa 2 mostra a localização geográfica dos municípios e possibilita melhor visualização da rota oficial de entrada e saída do Estado.



**Fonte:** [www.gov.rr.br](http://www.gov.rr.br), 2013 (marcação das rotas de entrada e saída realizada pela pesquisadora para melhor visualização)

## Mapa 2. Mapa dos Municípios do Estado de Roraima

No estudo de caso múltiplo realizado, foram selecionados os municípios de Boa Vista (por ser capital), Bonfim, Caracaraí, Pacaraima e Rorainópolis que representam o acesso oficial de contato com outras culturas, por uma questão de logística, de tempo de realização da pesquisa e que poderiam ter ou não os mesmos resultados, de modo a propiciar uma generalização analítica das múltiplas evidências dos fenômenos. Para Yin (2010, p. 66) “[...] na generalização analítica, o investigador luta para generalizar um conjunto determinado de resultados a alguma teoria mais ampla” que, no caso deste trabalho, é a necessidade de maior aproveitamento e exploração da literatura regionalista nos estudos acadêmicos como nova forma de trabalhar as escolas literárias.

A escolha desses municípios deu-se devido ao fato de Boa Vista



ser a capital do Estado, por deter o maior número de escolas públicas estaduais de ensino médio regular e abrigar a maioria das pessoas oriundas dos outros estados da federação e/ou de outros países, principalmente dos países vizinhos. A capital foi fundada em 1890 e possui uma área de 5.687.037 km<sup>2</sup> com uma população de 332.020 habitantes e com estimativa de 375.374 habitantes em 2018 (IBGE, 2018)<sup>5</sup>. É a única capital que está completamente situada no hemisfério norte.

Os municípios de Bonfim e Pacaraima foram escolhidos por fazerem fronteira com a República Cooperativista da Guiana e a República Bolivariana da Venezuela, respectivamente. Bonfim foi transformado em município em 1982 e possui uma população que passou de 11.945 habitantes para uma estimativa de 12.257 habitantes, em 2018, em uma área de 8.095.319 km<sup>2</sup>. Sua economia é agropecuária com produção de mandioca, banana, caju, arroz, milho, manga e melancia (IBGE, 2018). Pacaraima possui uma população que passou de 12.375 habitantes para estimativa de 15.580 habitantes em 2018, em uma área de 8.028.428 km<sup>2</sup>. Passou a ser município em 1995 e tem sua economia centrada no turismo (idem). Esses dois municípios fronteiriços recebem alunos dos países vizinhos que estudam em escolas brasileiras, mas residem no seu país de origem. Em alguns casos, esses alunos estudam em um período no lado brasileiro e no outro em seu país de origem. Atualmente, Pacaraima tem sido o município de acesso dos venezuelanos que saem de seu país em direção ao Brasil em busca de melhores condições de vida.

Já o município de Caracarái, chamado de Catrimani até 1955, e o segundo município criado, é a terceira maior cidade estadual em densidade demográfica com 19.019 habitantes e uma estimativa de 21.564 habitantes, em 2018 (IBGE, 2018) e a segunda em extensão territorial com 47.411 km<sup>2</sup>. É denominada cidade-porto por ser o final da

<sup>5</sup> Disponível em <[WWW.https://cidades.ibge.goc.br/brasil/rr/panorama](https://cidades.ibge.goc.br/brasil/rr/panorama)> Acesso em setembro/2018.

rota fluvial, pois até a complementação da pavimentação da BR 174 no estado, na década de 1990, toda mercadoria que chegava vinha até este porto, visto que, a partir deste local, o Rio Branco não é mais navegável pelas grandes embarcações por causa da incidência de pedras no rio. Um exemplo são as Corredeiras do Bem Querer que estão localizadas no município e são um importante ponto turístico do Estado, como mostra a Figura 1.



Fonte: <http://roraimadefato.com/>

**Figura 01. Corredeiras do Bem Querer – Caracaraí – Roraima/  
Brasil**

O município de Rorainópolis foi escolhido por ser a segunda maior cidade do Estado em população, com 25.714 habitantes e uma estimativa para 2018 de 29.533 habitantes e a terceira em extensão territorial com 33.593.892 km<sup>2</sup>. Esse município foi formado em 1995 por pessoas procedentes de outros estados da federação e que participaram de assentamentos promovidos pelos órgãos governamentais. Sua economia está centrada na produção de mandioca, banana, milho e arroz, além da criação de bovinos, suínos e aves. Produz também ovos, mel, leite

lenha, madeira em tora e castanha do Pará. É considerada uma “cidade dormitório”, tendo em vista que é o primeiro município de acesso ao Estado de Roraima para quem vem do vizinho Amazonas, através da BR 174, e ponto de descanso após uma longa viagem de aproximadamente 486 km que, de carro, dá uma média de sete horas de viagem.

## 2. A Literatura e a Cultura em foco

Para Feldmann (2008, p. 174), “o ato de educar é sempre um ato de criação” e por isso “pressupõe uma prática transformadora construída pelo homem que dialoga, indaga, refaz e recria a própria teoria”. Nesse sentido, é preciso indagar-se “o porquê” das escolhas pedagógicas em relação ao ensino da literatura, bem “o como” estas escolhas ocorrem no âmbito da cultura escolar. Se o ato de educar pressupõe uma prática transformadora, ela busca desenvolver a formação do ser humano como um sujeito crítico e autônomo, como preconiza o Art. 35, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96.

Dessa forma, a escola, por meio de sua função social, deve propiciar situações de aprendizagens variadas e significativas e estruturar o ensino em consonância com o avanço do conhecimento científico e tecnológico, cuja cultura seja um dos componentes da formação geral em articulação com o trabalho produtivo. Nesta perspectiva, o trabalho pedagógico desenvolvido em sala é de suma importância e a língua é uma ferramenta particular da comunicação que permite socializar o pensamento e a linguagem e é a capacidade humana de articular significados coletivos e compartilhá-los (PROENÇA FILHO, 2004). Assim, a principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentidos.

Como a literatura é feita de palavras, ela tem uma dimensão que vai além delas. Ela constitui-se em uma das inúmeras possibilidades de

exploração da língua, pois, por meio da criatividade e da mobilização de palavras e estruturas linguísticas, utiliza-a para inúmeros fins e propósitos. Dessa forma, “o ato literário” vai além de um simples ato de linguagem, pois em uma dimensão literária o segredo está na forma como a linguagem é manifestada e não simplesmente composta de elementos verbais, mas também de diferentes artifícios dos componentes da língua padrão.

Esse “ato literário” baseia-se no fato de que os textos literários têm dimensões linguísticas e sociais que fazem parte dos estudos históricos ao fazerem referências a lugares, costumes, épocas, culturas, entre outros aspectos. Isto porque o escritor é um observador da linguagem e da cultura de seu tempo e, ao escrever, revela sua experiência linguística por meio da fala de seus personagens, que são testemunhos vivos da língua oral da época em que foram escritos. Como observador, o escritor retrata também a cultura, os conhecimentos tradicionais presentes em uma sociedade e transmitidos às gerações. Está sempre “recriando”, “reconstruindo” o mundo ao seu modo (CÂNDIDO, 2006).

Pode-se afirmar que a literatura *constrói* um leitor, ou seja, é uma imagem socialmente construída dentro de uma subjetividade trabalhada pelo escritor. Nesse sentido, o artista é um ser social que expressa, através da literatura, sua relação com o outro ao retratar a realidade social de uma determinada época, ao criticá-la ou superá-la. O texto literário é recorrente na memória de um povo como espécie de arquivo do passado. Dessa forma, ajuda a sociedade a confrontar-se com uma herança de valores, conhecimentos, visões de mundo. Para Cândido (2006), a obra literária pode ser vista como um traço do passado e como um objeto do presente.

Isto porque, desde os gregos até a modernidade, a arte está em primeiro lugar e, entre as artes, a literatura “é das mais eloquentes,

devido à amplitude de seus recursos expressionais”. Para Coelho (1981), a literatura dá prazer, emociona, alegra, engaja o ser inteiro em sua leitura de forma a levar o homem a descobrir o mundo em que “[...] deve viver em contínua e essencial relação com os outros e com a verdade e ‘responsabilidade’ de seu próprio eu” (COELHO, 1981, p.5).

A literatura mostra ao leitor as diferentes formas de organização social e cultural das sociedades, em diferentes épocas e regiões. E quando se trata da literatura que põe seu foco em determinada região do país, para retratá-la, seja de forma profunda ou superficial, tem-se a literatura regionalista. Para Miguel-Pereira (1957) nesta literatura

[...] só lhe pertencem de pleno direito as obras cujo fim primordial for a fixação de tipos, costumes e linguagem locais, cujo conteúdo perderia a significação sem esses elementos exteriores, e que se passem em ambientes onde os hábitos e estilos de vida se diferenciem dos que imprime a civilização niveladora. [...] O regionalismo se limita e se vincula ao ruralismo e ao provincialismo, tendo por principal atributo o pitoresco, o que se convencionou chamar de “cor local”. (MIGUEL-PEREIRA, 1957, p. 179). (Aspas do autor).

É preciso lembrar que a regionalidade no Brasil é muito diferenciada das mundiais, pois há, na formação brasileira, as várias culturas europeias, a cultura africana e a cultura indígena, ou até a mistura delas. Isto porque a povoação do Brasil ocorreu em regiões distintas e distantes entre si (litoral nordestino, litoral fluminense, os pampas e o interior mineiro, por exemplo). Dessa forma, o traço cultural de cada região influenciou o próprio desenvolvimento idiomático do português, ao longo da sua história. Em outras palavras, em cada região brasileira a língua portuguesa sofreu diferentes influências culturais e, por isso, incorporou diferentes formas de expressão. Tal fato, aos poucos, deu origem a diferentes

regionalismos, diferentes modos de expressar ou representar uma mesma ideia ou história, um mesmo sentimento ou conceito. Carvalho diz que o regionalismo pode ser compreendido de várias maneiras:

[...] quanto ao assunto, quanto à linguagem ou quanto o arranjo narrativo. Pode aparecer numa obra relacionada ao mundo rural, ora como algo ultrapassado, mas também como literatura popular, como representação da violência ou até mesmo como uma espécie de nacionalismo. [...] (CARVALHO, 2013, s/p)<sup>6</sup>.

Esta regionalidade literária traz questões culturais, sejam elas dialetais ou sociais marcadas nos textos e que, além de remeter ao conceito de conhecimento, em seu sentido macro, pode significar a herança social da humanidade. Já em sentido micro uma cultura significa determinada variante da herança social de um povo. Nesse sentido, cultura é o conjunto de bens e atos transmitidos entre gerações por meio da convivência e do ensino, ou seja, é o patrimônio herdado que vive pela sua suficiência. Como as culturas diferem de acordo com os diferentes povos ela só pode ser avaliada pela sua suficiência e aceitação natural, não sendo superiores ou inferiores senão aos olhos de cada um dos participantes.

Em um país como o Brasil, pela grande extensão territorial e populacional a cultura é formada por “multis” culturas que convivem de forma harmônica. A expressão multiculturalismo designa a “[...] coexistência de formas culturais ou de grupos caracterizados por culturas diferentes no seio de sociedades modernas” (SANTOS; NUNES, 2003, p. 26). Culturalmente, a linguagem é o espaço onde o sujeito se constrói e possui voz. Nesse sentido, a cultura se processa por meio da linguagem, forma como o ser humano tem expressado seu pensamento,

---

<sup>6</sup> CARVALHO, Tereza Ramos de. **O Regionalismo na literatura brasileira**. Disponível em <<http://literaza.blogspot.com.br/2011/01/literatura-regional.html>> Acesso em 19 maio 2013.

suas emoções. Ou seja, não existe cultura sem língua, pois existe uma relação entre língua, pensamento e cultura que sustenta a compreensão da cultura como uma realidade de linguagem. É por meio da linguagem que as relações interpessoais se constituem e as práticas verbais estão no interior desses processos semióticos marcados pela dialogicidade.

Ao falar de cultura na atualidade é preciso tratar da globalização que consiste na participação em uma grande rede que condiciona cada peça do todo. A ideia de que estamos na “aldeia global” é uma forma de ressaltar a interdependência entre seres humanos, países, povos e culturas, assim como as fragilidades dos laços que nos unem. Sacristan acredita que:

[...] as representações mentais dos indivíduos, as ideias sobre o outro, o entendimento das situações humanas de conflito, as imagens que elaboramos de nós com respeito aos demais devem ser considerados. E esse é o terreno da educação. A cultura é algo que caracteriza grupos humanos diferenciados e que cada grupo assimila de forma particular (SACRISTAN, 1999, p. 20).

Para esse autor, o conceito de globalização é usado para caracterizar a peculiaridade do tempo presente, sendo conhecido como a segunda modernidade e que começou a ser forjado nas duas últimas décadas do século XX. Sacristan (1999) considera a globalização como uma forma de nos representar e explicar em que consiste essa nova condição, ou seja, um termo que se entrelaça com outros conceitos e expressões profusamente utilizadas, tais como o neoliberalismo, as novas tecnologias da comunicação e o mundo da informação.

Antropologicamente, a cultura é vista como um sistema comum de significados com conteúdos instituídos por meio de códigos, normas, sistemas de ação em um processo ativo, vivo, por meio do qual as pessoas

criam e recriam o mundo em que vivem. Assim, ao falar em cultura escolar necessita-se, primeiramente, delimitar como considera o termo em questão. Para isso, toma-se a definição de Julia que diz que se poderia descrever a cultura escolar:

Como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas e finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização) (JULIA, 2002, p. 10-11).

A cultura escolar refere-se às práticas e modos de transposição didática de diferentes conteúdos, comportamentos e normas sociais realizado no âmbito escolar. Para Julia (2002), as normas e práticas não podem ser consideradas sem levarmos em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e a usar os dispositivos pedagógicos que facilitem sua aplicação. A cultura ultrapassa os muros da escola e traz para o ambiente escolar os modos de pensar da sociedade que concebe que a aquisição dos conhecimentos e das habilidades é feita através de processos formais de escolarização. Na realidade, é preciso interrogar que práticas cotidianas são essas e como ocorre o funcionamento interno da escola e, dessa forma, como o currículo é desenvolvido.

A escola é um ambiente propício para a difusão e a perpetuação da diversidade cultural existente em seu ambiente, pois ela é fundamental para a formação da identidade do indivíduo e do processo de aquisição do conhecimento a ser desenvolvido em sala de aula. É importante ter a análise crítica das visões de mundo, de ciência, de conhecimento, de ética, de cultura, presentes nas propostas curriculares para compreender



qual a visão de educação e que tipo de ser humano que a escola propõe formar. O conhecimento é perpassado por um conjunto de interesses e, por isso, há uma intencionalidade no currículo proposto pela escola.

Nessa seara, Giroux afirma que:

[...] assim como um país distribui bens e serviços, o que pode ser chamado de capital material, ele também distribui e legitima certas formas de conhecimento, práticas de linguagem, valores, estilos, e assim por diante, ou o que pode ser chamado de capital cultural. Basta considerarmos o que é rotulado como de *status* superior nas escolas e universidades e, assim, promove legitimidade a certas formas de conhecimento e práticas sociais. (...) o conceito de capital cultural também representa certas maneiras de se falar, agir, andar, vestir e socializar que são institucionalizadas pelas escolas (GIROUX, 1997, p. 37).

O autor complementa que as escolas não são somente locais de instrução, mas um ambiente onde a cultura da sociedade dominante é aprendida e onde os estudantes experimentam a diferença entre as distinções de status e classe que existem na sociedade mais ampla. A cultura e a educação participam do processo de transformação da identidade e da subjetividade individual. Isso porque as práticas escolares estão além da aplicação de modos de pensar ou de teorias sobre a educação.

Em um país multicultural como o Brasil, a cultura é o resultado dos conhecimentos adquiridos pelo trabalho humano através dos tempos, a cultura do currículo é construída por todos os integrantes da escola. Assim, o educando deve participar das várias etapas da construção do currículo, cujo conteúdo programático deve ser buscado dentro da realidade que constitui objeto do conhecimento intersubjetivo. Nessa linha de pensamento, o sujeito tem direito à voz e à participação ativa na construção de seu conhecimento.

Os indivíduos e suas práticas são a base para o entendimento da

cultura escolar e, nesse sentido, a formação, seleção e desenvolvimento da carreira acadêmica desses indivíduos, juntam-se aos discursos, as formas de comunicação e as linguagens intrínsecas ao cotidiano escolar para formar um aspecto fundamental de sua cultura. Exemplo disso é o ensino da língua portuguesa que tem recebido, nas últimas décadas, diversas contribuições da Sociolinguística, especialmente da sua vertente qualitativa, que tem como pressuposto lançar um olhar sobre as práticas sociais discursivas que se dão no âmbito da sala de aula. É por meio da linguagem que os padrões de conhecimento são transmitidos com base no respeito e do conhecimento de suas peculiaridades culturais. Isso porque a cultura perpassa todas as ações do cotidiano escolar, seja na influência sobre seus ritos ou sobre sua linguagem, na determinação de suas formas de organização e de gestão quanto na constituição dos sistemas curriculares.

A cultura escolar é a ferramenta com função de propiciar a inculcação de valores. Dessa forma, sua relação com a literatura está no desenvolvimento do conhecimento das culturas de diversas épocas e países e no respeito a ser construído pelas diversidades encontradas em sala de aula. Nesse sentido, o currículo escolar que privilegie o ensino da literatura regional está desenvolvendo uma cultura escolar de conhecimento e de respeito às diferenças. Sacristan (1999, p. 148) diz que devemos considerar o tema cultura para entendermos a educação e para projetá-la, pois “[...] esquecendo-o, estaríamos falando de ações e de práticas esvaziadas, de certa maneira, de seu sentido”. Complementa que “[...] sem conteúdos culturais *densos*, considerados como substanciais e relevantes, a escolaridade perde sua significação moderna de elevação dos sujeitos e uma de suas mais fundamentais funções de socialização”. O debate essencial na esfera educacional é, então, aquele que gira em torno de qual projeto cultural se quer que ela sirva e a ação educativa

serve para propagar um modelo cultural. Para Sacristan:

[...] pensamos a educação e a realizamos segundo a cultura, “interferimos” nela selecionando-a e reproduzindo-a como conteúdo de ensino, também a criamos através das práticas educativas. [...] A cultura é uma das ancoragens que nos situam no mundo, graças à qual este adquire um determinado sentido para nós. A maneira de entender como se faz essa ligação através da cultura é fundamental para a educação. As atitudes, as avaliações, as práticas educativas [...] dependem do significado e da apreciação que temos de uma série de categorias básicas, como as de “sujeito”, “sociedade”, “cultura valiosa”, por exemplo, e de como acreditamos que se conectam entre si (SACRISTAN, 2002, p. 21). (Aspas do autor).

Vale salientar que cultura é a herança dos bens e atos sociais humanos transmitidos pelas gerações por meio da convivência e do ensino, diferindo-se de acordo com os povos, vivendo pela sua suficiência e aceitação natural. Ou seja, a cultura é uma criação humana e, ao ser aceita, determina valores e normas de comportamento automatizadas pelo grupo. Porém, a prática escolar está imbuída da cultura social, por meio dos usos, das tradições, das técnicas e das perspectivas dominantes em torno da realidade do currículo num determinado sistema educativo. A cultura e a educação estão interligadas e a escola, como território educativo, deve estar sempre aberta aos debates democráticos de forma a assegurar à comunidade escolar o direito à voz e ao voto nos processos de discussão que dizem respeito às mudanças sociais e suas influências na escola e na educação.

Em uma perspectiva de formação humana e integral, que permita o acesso à educação e o direito à aprendizagem, a organização do trabalho pedagógico escolar, no contexto da diversidade cultural, deve considerar

a origem e as diferenças culturais das famílias dos envolvidos, sejam elas indígenas ou não indígenas, no processo de ensino e aprendizagem de forma a perceber que as especificidades de gênero, raça, etnia, orientação sexual e religiosa, os valores e as histórias pessoais são fundamentais na construção do ser humano. Um exemplo disto é a recente entrada nas escolas roraimenses de venezuelanos, guianenses, haitianos, coreanos que emigraram de seu país em busca de sobrevivência. Ao participarem do sistema educativo trazem suas culturas e socializam conhecimentos, tais como os dialetais, os literários, entre outros. A escola não pode desconhecer essas diferenças, pois o currículo está intimamente ligado às questões culturais e, desta forma, deve valorizar e respeitar as diferenças. Não cabe aqui explicitar qual cultura social o currículo deve seguir, se a dos alunos, que podem ser muitas e diferenciadas, ou a dos docentes, ou dos gestores etc. O que se defende é que, dentro da cultura estabelecida pela comunidade escolar, o currículo desenvolvido na escola estimule a convergência entre indivíduos e sistemas culturais, mesmo dentro das especificidades de cada um. Opta-se por cultivar essa ideia tendo como base que não se deve doutrinar e impor a cultura que professamos, mas promover conhecimentos e respeito sobre a diversidade.

Essa ideia de não impor uma cultura deve ser base também para a formação de professores, pois este profissional é que vai adentrar a sala de aula e desenvolver valores éticos e culturais. Tal ação eliminará o estranhamento e permitirá desenvolver a igualdade como eixo central promovendo conhecimento, atitudes e valores, além de verificar como as diferentes culturas se entrecruzam e, assim, explorando as interdependências entre elas.

Na perspectiva em questão, o currículo deve ser considerado como um produto cultural onde ocorre uma relação entre a educação, poder, a identidade social e a construção da subjetividade como forma

institucionalizada para a constituição dos sujeitos com identidades individuais e sociais. A atenção às diferenças é um direito do ser humano, como o direito à educação, e o currículo deve observar que esse direito vem impregnado de pleitos de democratização, de participação ativa na vida em sociedade e, por isso, de inclusão e de superação das desigualdades e injustiças.

Salienta-se que os produtos culturais são conceituados como bens onde a cultura precisa ser reproduzida para que não se esgote. Nesse sentido, Cortella (2011, p. 39) diz que “o bem de produção imprescindível para nossa existência é o conhecimento” que se constitui “em entendimento, averiguação e interpretação sobre a realidade” que nos guia como ferramenta central para nela intervir, sendo a educação o “veículo que o transporta para ser produzido e reproduzido”. Dessa forma, a questão da diversidade cultural dos alunos precisa ser observada e discutida no ambiente escolar para não se cair em um relativismo cultural e privilegiar práticas que reforcem desigualdades, sejam elas econômicas, ou sociais ou culturais, colocando à margem os grupos que estejam em desvantagem social.

Dessa forma, o ensino da literatura e suas modalidades práticas pressupõe a definição se o que se pretende é transmitir conhecimentos ou a formação de um sujeito sensível, autônomo e que seja capaz de argumentar e criticar com responsabilidade, além de respeitar a cultura do outro. O ensino da literatura, em especial a regionalista, ajuda no processo do educando em “aprender a conviver com as diferenças, reconhecê-las como legítimas e saber defendê-las em espaço público fará com que o aluno reconstrua a autoestima”. Assim, a literatura é um “exemplo simbólico verbalizado”.

Aponta-se que, ao pensar na educação, nas escolas, nos currículos, no conhecimento a ser construído é preciso pensar na constituição dos

sujeitos que fazem parte desse fazer pedagógico e qual é a função social e política das escolas, especificamente do currículo, nas sociedades atuais. Diante disso, ao retomar a questão central dessa discussão compreende-se que a cultura educacional que permeia o currículo é de que a escola é o lugar de construção dos sentidos, dos saberes e que sua intencionalidade é proporcionar que cada ser humano compreenda o mundo e a si mesmo, sendo um sujeito participativo na sociedade em que vive. Nesse caso, a escola precisa empreender ações e estratégias que (re)signifiquem a diversidade cultural de seus alunos, estabelecendo o cruzamento das diferentes culturas existentes no contexto escolar.

### 3. A literatura e a cultura escolar em Roraima

Com a criação do Estado de Roraima houve a integração da Amazônia ao contexto nacional sob a bandeira do crescimento nacional. Pessoas de todos os estados da federação migraram para Roraima e muitos projetos de assentamento foram implantados como estratégia de desenvolvimento e muitos foram incentivados a povoarem a região, principalmente os nordestinos. Essa migração, em parte motivada pelo garimpo, gerou conflitos com os indígenas, além da miscigenação.

No início as atividades culturais estavam ligadas às questões nacionalistas cujo discurso militar da época era a preservação e o reconhecimento do Brasil. Havia uma falta de historiografia oficial produzida para Roraima e a identidade e a cultura indígena existentes na região não eram consideradas nesta empreitada nacionalizadora. De 7 a 13 de setembro passam a ser comemorados a “Semana da Pátria e do Território”, sendo os únicos rituais culturais da região, orientados pela Secretaria da Educação e do Território (SOUZA, 2012, p. 30). Mais uma vez a cultura indígena local não era considerada. Como mecanismo de

controle e tendências exógenas que estavam de acordo com as diretrizes nacionais da educação brasileira da época, Roraima também acompanhou essas tendências educacionais.

Salienta-se que Roraima, por sua condição de território federal, durante um longo período teve tardiamente definida sua identidade, visto que só se tornou Estado em 05 de outubro de 1988. Já na década de 1980, Roraima passou por profundas transformações com a chegada de pessoas das mais variadas partes do país. Para Oliveira, Wankler e Souza (2009) como o Estado não tinha um perfil cultural, ficando a dúvida se era indígena, nordestino ou outro, surgiu um movimento cultural denominado “Roraimeira”. Para os autores, esse movimento “buscou discutir o problema da identidade cultural roraimense através da produção de uma arte referenciada pelos elementos da vida e da paisagem local” (WANKLER e SOUZA, 2009). O movimento contou com artistas que até hoje são referência na cultura local.

Após esse “boom” artístico promovido pelos componentes do Movimento Roraimeira, outros eventos culturais surgiram, tais como o “Coletivo Arte Literatura Caimbé”, os saraus como o “Lona Poética”, o “Máfia do Verso”, as Feiras de Livros do Serviço Social do Comércio – SESC, o Projeto “Yamix”/UERR – Universidade Estadual de Roraima/ Campus Pacaraima. Esses projetos, muitos já extintos, divulgaram a arte possibilitando que escritores e músicos, fossem eles de renome no Estado ou iniciantes, mostrassem seus trabalhos.

Outros materiais existentes são as dissertações de mestrado e monografias que estudam sobre algum destes autores, tais como a dissertação de Mestrado em Letras da pesquisadora intitulado “Análise da Personificação e dos Elementos Ambientais nas Narrativas Oraís da Comunidade Indígena Nova Esperança – RR”, defendida em 2011, na Universidade Federal de Roraima – UFRR. Além desses trabalhos, e de

outros ainda não concluídos ou não catalogados, há grupos de pesquisa da UFRR em que as questões culturais de Roraima, na área de Língua e Literatura estão sendo estudados com produção de muitas dissertações.

Não havia em Roraima um estudo sistemático sobre os escritores roraimenses. Neste ano de 2018, a UERR, através do Curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura e no curso de graduação em Letras, sob a tutela desta pesquisadora, buscou-se realizar um estudo sobre os escritores que produzem suas obras em e sobre Roraima, na disciplina de Literatura em Roraima. O trabalho está em andamento e já conta com trinta e seis escritores mapeados e que estão sendo estudados. São escritores que possuem suas obras na linha ficcional e escrevem poemas, romances, contos etc. e alguns são indígenas.

Muitos desses escritores já têm obras que são referência em vestibulares na região e são estudados em cursos pré-vestibulares, tais como Nené Macaggi, Milton Hatoum, Devair Fiorotti, Eli Macuxi, Neuber Uchôa, Zeca Preto, Eliakin Rufino e Roberto Mibielli.

## Considerações Finais

Com a localização geográfica, o Estado recebeu grande influência da cultura dos migrantes, dos indígenas e dos caribenhos. Essa pluralidade cultural de pessoas oriundas dos países vizinhos e das diferentes regiões brasileiras fez de Roraima um ambiente com marcas de todas as culturas convenientes. Mas cultura faz parte do processo de formação da identidade do indivíduo. É com base na compreensão das representações culturais que o posicionamento no interior do sujeito se realiza e onde os significados simbólicos desse sistema dão sentido às experiências e àquilo que faz tornar indivíduos. Não é um processo acabado, pronto, pois a identidade sempre necessita de novos elementos para se constituir



e a cultura lhe oportuniza essas referências.

Pode-se considerar a literatura como um instrumento de múltiplas utilidades para a formação do sujeito. O contato com o texto literário contribui para que o uso da língua materna seja apreciado pela sua beleza encontrada nos textos e imagens existentes nas obras literárias. A literatura é um meio de educação da sensibilidade que procura atingir um conhecimento científico e/ou técnico. É por meio dela que o aluno trabalha sua liberdade e sua criatividade, sua cognição, percepção e demais aspectos ligados ao crescimento pessoal.

É preciso lembrar que a escola é um dos espaços de produção e de transmissão de conhecimentos, formação do ser humano e de fortalecimento das identidades. Na escola a ação é intencional, planejada para alcançar os objetivos da educação por meio de uma ação concreta do processo de ensino e de aprendizagem.

A ação do professor nessa direção exige a necessidade de considerar a linguagem como objeto de estudo, com um papel mais interativo do professor diante do ensino e da aprendizagem, ação que tem se tornado grande desafio. Assim, o professor deve desafiar o viés monocultural do currículo para uma educação multicultural que implica a renovação do conhecimento e das estratégias de construí-lo e reconstruí-lo no âmbito escolar. Nesse processo, o aluno passa a conhecer as diferentes manifestações culturais e a fruir do contato de obras de diversos estilos e épocas de forma que a escola se constitua em lugar que se articulem diferentes conhecimentos e culturas.

O currículo deve ser entendido como ordenador do processo educacional por meio de sua construção voltado para as especificidades e diversidades que formam a cultura e a educação de cada região, expressando as diferenças, as contradições, as formas de viver dentro dos mais diversos ambientes e situações vividas. Essa concepção assume

o currículo como ato político que objetiva a emancipação das camadas populares e desenvolve uma interação dialógica entre os sujeitos participantes da comunidade escolar.

A escola deve repensar o que ela tem a oferecer para a formação de nossos alunos e que formação está sendo desenvolvida. O reconhecimento das diferenças culturais existentes no âmbito escolar pode estimular novas indagações, propostas e procedimentos pedagógicos, novo currículo. Isso porque o currículo deve ser um ordenador do processo educacional e deve estar voltado para as especificidades e diversidades que formam a cultura e a educação de maneira que expresse as diferenças, as contradições e as formas de viver, nos mais diversos ambientes e situações vividas.

O professor que tem domínio da sua área específica e dos conhecimentos didáticos pedagógicos dará mais importância à organização curricular da escola e valorizará os conhecimentos locais. Dessa forma, ele tem a possibilidade de flexibilizar os conteúdos, as metodologias e dar enfoque na diversidade das realidades local, nacional e mundial.

## Referências Bibliográficas

BRASIL, **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília: Ministério da Educação, Conselho Nacional de Secretário de Educação, União Nacional dos Dirigentes Municipais da Educação. 2015.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.

BRASIL. **Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996**, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Ministério da Educação. 1996.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 5ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro

sobre Azul, 2006.

CARVALHO, Tereza Ramos de. **O regionalismo na literatura brasileira**. Disponível em <<http://literaza.blogspot.com.br/2011/01/literatura-regional.html>>

Acesso 19/05/2013.

COELHO, Nelly Novaes, **A literatura infantil: história, teoria, análise das origens orientais ao Brasil de hoje**. São Paulo: Quiron; Brasília: INL, 1981.

CORTELLA, Mario Sergio. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. São Paulo: Cortez. 2011.

FELDMANN, Marina Graziela. **Formação de professores e escola na contemporaneidade**. São Paulo: SENAC, 2009.

FELDMANN, Marina Graziela. **A questão da formação de professores e o ensino de arte na escola brasileira: alguns apontamentos**, Olhar de professor, Ponta Grossa, 11(1): 169-182, 2008. Disponível em <<http://www.uepg.br/olhardeprofessor>>. Acesso em 30 abril 2013.

FELDMANN, Marina Graziela. **Formando professores na perspectiva transdisciplinar**. Disponível em [www.redebrasileiradetransdisciplinaridade.org](http://www.redebrasileiradetransdisciplinaridade.org) Acesso em 15 junho 2013.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997.

JULIA, Dominique. Disciplinas escolares: objetivos, ensino e apropriação. In: LOPES, Alice Casemiro; MACEDO. Elisabete. (Org.). **Disciplinas e integração curricular: história e políticas**. Rio de Janeiro: DP & A. 2002.

LLOSA, Mario Vargas. Breve Discurso sobre a cultura. In: Llosa, Mario Vargas, COUTO, Mia et alii. **Pensar a cultura**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial. 2013.

COUTO, Mia et ali. **Pensar a cultura**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial. 2013.

MIGUEL-PEREIRA, Lucia. História da Literatura Brasileira, Volume

XII, 2ª edição – revista, **Coleção documentos brasileiros nº 63**. Rio de Janeiro: José Olympio

Editora, 1957.

NÓVOA, Antônio (coord.). **Formação de professores e profissão docente**. In: Os professores e a sua formação. Lisboa:Publicações Dom Quixote/IIIE, 1992.

NÓVOA, Antônio. **O processo histórico de profissionalização do professorado**. In: Teoria e educação. (Org.) Profissão professor. 2ªed. Porto: Porto, 1995, p.13-33.

OLIVEIRA, Rafael da Silva, WANKLER, Cátia Monteiro & SOUZA, Carla Monteiro. **Identidade e poesia musicada: Panorama do Movimento Roraimense a Partir da Cidade de Boa Vista como uma das Fontes de Inspiração**, Revista ACTA Geográfica, Ano III, nº 6, jul/dez 2009.

OLIVIERI, Antônio Carlos, **Regionalismo: Literatura das peculiaridades do Brasil**, 2006 Disponível em <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/regionalismoliteratura-das-peculiaridades-do-brasil.htm>> Acesso em 17 fevereiro 2014.

PROENÇA FILHO, Domicio. **Estilos de época na literatura: através de textos comentados**. São Paulo: Ática, 2004.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SACRISTÁN, J. Gimeno. A cultura para os sujeitos ou os sujeitos para a cultura? O mapa mutante dos conteúdos na escolaridade. In: **Poderes instáveis na educação**. Porto Alegre: Artmed, 1996.

SACRISTÁN, J. Gimeno. O currículo: os conteúdos do ensino ou uma análise prática? In: GIMENO SACRISTAN, J; PERÉZ GOMÉZ, A.I. **Comprender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 1996.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Currículo e diversidade cultural**: In: SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antônio Flávio (org.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Educar e conviver na cultura global: as**

exigências da cidadania. Porto Alegre: Artmed, 2002

SACRISTÁN, J. Gimeno. **El currículum**: Uma reflexión sobre la práctica. Madri: Ediciones Morata. 1991

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa. NUNES, João Arriscado. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Reconhecer para libertar**: os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 (Série Reinventar a emancipação social: para novos manifestos, v. 3)

SANTOS, Cassia de Fátima Matos dos. Entre Rios: O Rural e o Urbano na Poesia de João Lins Caldas. In: ARAUJO, Humberto Hermenegildo de & OLIVEIRA, Irenísia Torres de. (orgs.). **Regionalismo, modernização e crítica social na literatura brasileira**. São Paulo: Nankin, 2010

SOUZA, Alfredo de. Somos Brasil: O ritual de 7 de setembro na construção da identidade nacional em Boa Vista entre as décadas de 40 e 70. In: MAGALHÃES, Maria das Graças S. Dias & SOUZA, Carla Monteiro de. **Roraima/Boa Vista**: temas sobre o regional e o local. Boa Vista: Editora da UFRR, 2012

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**. Manaus: Valer, 2009.

SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de. **Teoria da literatura**. 10ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.

YIN, Roberto K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 4.ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

Disponível em < <http://geotfp.ibge.gov.br> > Acesso em out.2015.

Disponível em <[www.gov.rr.br](http://www.gov.rr.br)> Acesso em mar.2011.

Disponível em <[www.ufrr.br](http://www.ufrr.br)> Acesso em mar. 2016.

Disponível em [HTTPS://cidades.ibge.gov.br/brasil/rr/panorama](https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rr/panorama) Acesso em 28 setembro 2018

LDB 4.024/61. Disponível em <[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/L4024](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/L4024)>

htm

LDB 5.692/71 Disponível em <[www.planalto.gov.br/ccivil](http://www.planalto.gov.br/ccivil)